



A LIBERDADE TEM O ROSTO DE UMA MULHER NEGRA: UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE SOJOURNER TRUTH PRESENTE NOS RELATOS DE “E EU NÃO SOU UMA MULHER?”

Lucas Barroso

Graduando em História UFRJ



<https://orcid.org/0000-0003-1853-3289>

Recebido em: 20 de janeiro de 2024

Aprovado em: 09 de março de 2024

RESUMO

A presente resenha é uma análise crítica da trajetória de vida de Sojourner Truth, uma escravizada liberta e autodidata, que se tornou uma figura proeminente na luta pelos direitos civis e pela igualdade nos Estados Unidos do século XIX. O objetivo do trabalho é ressaltar a contribuição histórica de Olive Gilbert, a biógrafa e abolicionista que organizou a obra, para os estudos sobre a escravidão nas Américas e a busca pela emancipação negra. O método utilizado nesta análise é uma revisão da narrativa de Truth, que incluiu sua infância como escravizada, a separação de seus pais em um leilão de escravos, sua libertação e a busca por seu filho vendido ilegalmente. A resenha destaca também as experiências religiosas e as convicções originais de Sojourner sobre o cristianismo. Os resultados da análise mostram a importância histórica de Sojourner Truth como uma defensora dos direitos humanos, envolvendo-se ativamente no movimento abolicionista e na luta por igualdade de direitos para mulheres e negros. Seu legado como ativista inspira gerações até os dias atuais. Em conclusão, a resenha enfatiza que Sojourner Truth representa a face da luta pela emancipação do povo negro no século XIX, e seu papel como uma mulher negra emancipada é fundamental para a compreensão da história da escravidão e da busca por justiça



e igualdade nos Estados Unidos. A obra de Olive Gilbert é, assim, valorizada como uma contribuição valiosa para os estudos da escravidão a partir da trajetória de Sojourner Truth.

PALAVRAS-CHAVE

Sojourner Truth. Escravidão. Ativismo. Igualdade. Emancipação.

Introdução

O que é ser uma mulher? Como a feminilidade pode ser definida? Nasce-se mulher? Ou torna-se mulher? Se, ao longo do século XX, esses questionamentos pareceram ter respostas claras e bem definidas, na atualidade, essas perguntas estão sendo refeitas em busca de novas conclusões. As raízes dessas questões remontam há séculos e envolvem diversas questões como historicidade, gênero, raça e classe. Portanto, analisá-las exige um olhar interseccional para a relação entre sexismo, patriarcalismo, machismo, racismo e classismo no Ocidente desde o século XIX.

Um momento histórico nos Oitocentos que sintetiza bem essas questões foi um discurso improvisado proferido em uma convenção em prol dos direitos das mulheres, em maio de 1851, no estado de Ohio, Estados Unidos. O ponto central foi o famoso questionamento “E eu não sou uma mulher?”, declamado, pelo menos quatro vezes, pela palestrante, que era uma escravizada liberta e autodidata. O grande feito dessa manifestação foi lançar luz sobre como as opressões sociais, raciais e de gênero ocorrem em uma base multidimensional e afetam o direito de ser, de ser mulher, de ser uma mulher negra.

Pelas suas contribuições sociais e históricas, analisaremos esse famoso discurso e também a história de sua palestrante. Remontaremos, assim, a



trajetória de vida de Sojourner Truth (c.1797-1883), a partir de uma reflexão crítica em torno da resenha do livro *E eu não sou uma mulher?* A narrativa de Sojourner Truth (2020). Com apoio dos próprios relatos de Truth, a obra foi organizada pela biógrafa e abolicionista Olive Gilbert, que era vizinha de Sojourner. No Brasil, o livro foi distribuído pela Imã editorial.

A obra começa abordando o nascimento e a experiência da primeira infância dessa personalidade. Acredita-se que Sojourner Truth tenha nascido no ano de 1797 em Swartekill, na cidade de Esopus, Nova Iorque. Foi a segunda mais nova dos dez ou doze filhos de James Baumfree e Elizabeth Baumfree (“Mau-mau Bett”, como ela costumava chamá-la), dois até então escravizados pela família Ardinburgh (ou Hardenbergh), que residia em Hurley, Ulster, em Nova Iorque, área povoada por neerlandeses. Sua língua materna foi o holandês.

Seu sobrenome variou de acordo com o senhor de escravizados no qual estava vinculada. Ao nascer, recebeu o nome de Isabella Baumfree, que seria “árvore” em holandês, porque seu pai era muito esguio enquanto jovem. Com a morte do filho do senhor Ardinburgh, em 1806, foi vendida a John Neelys (ou Nealy) pela quantia de cem dólares, depois a um pescador chamado Martinus Schryver, de Port Even, e, em seguida, a John J. Dumont. Seu último nome de cativa foi Isabella Van Wegener, por ter sido comprada pelo senhor Van Wegener. Em 1843, após uma revelação divina relegou os nomes dados pela escravidão e assumiu a identidade de Sojourner Truth, “Verdade Peregrina”.

Aos nove anos, um leilão de escravizados a separou de seus pais, que, em pouco tempo depois, morreram desamparados, mas o que não destruiu o legado de amor vindo de sua família. Mesmo iletrada, Truth era autodidata. Sua orientação religiosa foi construída a partir de ensinamentos de sua mãe, que a instruiu na ética do cristianismo. A religião apareceu em sua vida como uma



tentativa de suportar todo o sofrimento e também uma oportunidade de se conectar simbolicamente com seus irmãos e irmãs que foram vendidos para outras famílias.

Após essa breve contextualização, a narrativa segue o enredo, pontuando que Isabella, em 1817, foi esposada a um companheiro de escravidão chamado Thomas. Detalhe para a informação de que foi uma união arranjada para meros fins de reprodução, já que o casamento não era um vínculo civil-religioso reconhecido aos escravizados. Nesse relacionamento, gerou cinco filhos (Diana, Thomas, Peter, Elizabeth e Sofia), no qual, após o nascimento, um deles, Peter, foi vendido ilegalmente para o Alabama para um doutor chamado Gedney. Essa transferência de posse quebrou uma lei que proibia a venda de escravizados para fora do estado de Nova Iorque.

Isabella manteve-se escravizada até a completa abolição da escravatura no estado progressista de Nova Iorque. Deveria ter sido libertada em 4 de julho de 1827, mas o senhor que detinha sua posse prorrogou sua tutela por um tempo indeterminado. O caminho encontrado para Sojourner em busca de sua liberdade foi, portanto, fugir. Arrumou suas malas, tomou sua filha mais nova e deixou as propriedades da família Dumont, passando a ser acolhida por Isaac Van Wagener e por sua esposa, Maria Van Wagener, que pagaram vinte dólares ao senhor Dumont para possibilitar que ela ficasse em sua residência. Thomas preferiu ficar.

Após ser libertada, Sojourner partiu, então, em busca de seu filho que foi vendido ilegalmente para fora de seu estado. Vagou pelo sul e interpelou pessoas que sabiam da venda fraudulenta de sua criança, mas em vão. Apresentou, então, uma queixa-crime ao grande júri de New Paltz, Nova Iorque, reclamando contra a ilegalidade de Solomon Gedney em vender escravizados para o sul. Com ajuda



do doutor Chip e do advogado Demain, Truth conseguiu reaver judicialmente seu filho Peter em liberdade, transformando-se, em 1828, na primeira mulher negra ex-escravizada a derrotar um homem branco e senhor de escravos na história da Justiça dos Estados Unidos. Também obrigou o réu a pagar uma multa.

Sem uma residência fixa, mãe e filhos passaram temporadas em casas de várias famílias diferentes que os conheciam, até mudarem-se para a cidade de Nova Iorque. Lá, ingressou formalmente na Igreja de Sião, foi acolhida na residência do senhor Elijah Pearson e reencontrou seus irmãos Sophia e Michael. Entretanto, passou por novas provações familiares, que são narradas dramaticamente na obra. Uma delas foi ter visto seu filho Peter desviar-se de suas instruções maternas para uma vida desregrada e fora da lei, até se separarem quando ele tomou o rumo de outro país.

Suas andanças pelas terras americanas fizeram-na ter acesso à história de vida de outros escravizados. Mesmo depois de presenciar e viver o horror da escravização, Sojourner optou por seguir no caminho do amor, da compaixão e da devoção cristã. Nesse contexto, passou a acompanhar brevemente um movimento liderado por mulheres para coibir a prostituição na sua cidade. Chegou a seguir lideranças religiosas, como foi o caso do autodeclarado profeta Robert Matthews, ou Matthias (como costumava ser chamado). Também passou a jejuar para se conectar com sua plena espiritualidade. Em tudo, porém, perseverava em fé. Na fé em Deus. Na fé por tempos melhores para si e para a humanidade.

No entanto, novas provações, de cunho econômico, chegaram em sua vida. Enquanto esteve na cidade, realizou alguns trabalhos temporários e, com isso, conseguiu acumular uma poupança para poder viver em uma mínima



estabilidade financeira. Porém, foi vítima da cooptação de Matthias, depositando suas poucas finanças em um fundo comum que foi usurpado, o que a deixou sem nenhuma poupança para sua aposentadoria. Esse acontecimento fez criar uma repulsa de sentimento em relação a dinheiro e propriedades. Na primeira manhã de junho de 1843, sua decisão foi de tomar um novo nome para si, deixar a cidade com o Sol como bússola e ir para o leste sem olhar para trás, a fim de professar seu testemunho de esperança. Foi acolhida em estalagens e abrigos no caminho até chegar em seu destino final.

Durante o caminho de sua peregrinação, ministrou palestras em Connecticut, conheceu pregadores da doutrina religiosa do segundo advento de Cristo em Windsor Lock, participou e convocou reuniões em New Haven e Springfield, mediou conflitos em Northampton, foi a Bristol e Hartford para ter conversas religiosas com amigos de conhecidos. Em ambas, encontrou a oportunidade de poder expressar suas opiniões livremente e sem reservas para ouvidos que ansiavam por escutar suas visões inovadoras e convicções originais sobre o cristianismo. Alguns de seus pontos de vista e reflexões giravam em torno da natureza de Deus e das interpretações das Escrituras, destacando a sua independência de caráter ao buscar a compreensão dos textos bíblicos diretamente, sem a interferência de comentários e perspectivas enviesadas de outros.

“Muitas foram as lições de sabedoria e fé que tive o prazer de aprender com Sojourner” (apud TRUTH, 2020, p. 133), contou uma das mulheres que presenciou a peregrinação de Truth pelo leste dos Estados Unidos. Em suas palestras, não aceitava pagamento por seu trabalho, pois afirmava que trabalhava somente para o Senhor, e se suas necessidades fossem plenamente atendidas, ela considerava isso como provindo unicamente por Deus. Além de conferências, foi convidada a ingressar em associações religiosas nos lugares em



que passava. Uma delas foi a Northampton Association of Education and Industry, em que teve a oportunidade de conhecer figuras importantes do movimento abolicionista. Entre eles, estava sua vizinha, Olive Gilbert, que a ajudou a escrever e publicar sua narrativa.

A vida de Sojourner Truth foi marcada por uma série de eventos significativos que a tornaram uma figura proeminente na luta pelos direitos civis e igualdade. Sua narrativa foi publicada em 1850, tornando-a conhecida pelo grande público. No ano seguinte, ela proferiu o famoso discurso “Ain't I a Woman?” na Convenção das Mulheres de Ohio, em que exigiu igualdade de direitos para as mulheres e negros. Ao longo dos anos, envolveu-se ativamente no movimento abolicionista, chegando a se encontrar com o presidente Abraham Lincoln. Sojourner também lutou pela distribuição de terras para os ex-escravizados e promoveu a reeleição do presidente Ulysses Grant. Apesar dos obstáculos e discriminação, persistiu em sua luta até o final de sua vida, falecendo em 1883, com 84 anos, em Battle Creek, Michigan. Seu legado como ativista e defensora dos direitos humanos continua a inspirar gerações.

A contribuição histórica de Olive Gilbert em condensar a trajetória de vida de Sojourner Truth é valiosa para os estudos da escravidão nas Américas durante o período de sua existência institucionalizada no Ocidente. Em um contexto hostil no século XIX, Isabella, em 1843, abandonou seus nomes oriundos da escravização e dirigiu-se em busca da verdade da emancipação negra. Seu desejo de liberdade peregrinou pelas cidades de um país e tomou todo um continente. A vontade da emancipação do povo negro passou a ecoar também a partir de sua voz. Se a plena liberdade tem rosto, ele tem a expressão fisionômica de uma mulher negra. E esse rosto é de Sojourner Truth.